



UM BEIJO  
*& nada mais*

Título original: *Only a Kiss*

Copyright © 2015 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com a Maria Carvainis Agency, Inc., e a Agência Literária Riff Ltda.

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Signet, selo da New American Library, uma divisão da Penguin Group, LLC, Nova York.

*tradução:* Livia de Almeida

*preparo de originais:* Milena Vargas

*revisão:* Flávia Midori e Sheila Louzada

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Renata Vidal

*imagens de capa:* Laurence Winram/ Trevillion Images (foto); Kotkoa/ Shutterstock (flores)

*e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B156b Balogh, Mary, 1944-

Um beijo e nada mais [recurso eletrônico] / Mary Balogh; tradução de Livia de Almeida. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital (Clube dos sobreviventes; 6)

Tradução de: *Only a kiss*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-015-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia de. II. Título. III. Série.

20-65018

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

# Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

## CAPÍTULO 1



**P**ercival William Henry Hayes, o conde de Hardford, visconde Barclay, estava imensamente, desmesuradamente, colossalmente entediado. Todos esses advérbios significavam mais ou menos a mesma coisa, claro, mas ele estava de fato entediado até o último fio de cabelo. Estava quase entediado demais para se obrigar a se levantar da cadeira e reabastecer a taça no aparador, do outro lado do aposento. Quase não, ele *estava* entediado demais para isso. Ou talvez apenas bêbado demais. Talvez tivesse exagerado e bebido o equivalente a todo o oceano.

Estava celebrando o trigésimo aniversário, ou pelo menos era o que vinha fazendo antes. Desconfiava que, àquela altura, já passara um bocado da meia-noite, o que significava que o aniversário tinha ficado para trás, assim como toda a irresponsável, divertida e inútil década dos 20 anos.

Descansava na sua poltrona favorita de couro macio, a um canto junto da lareira na biblioteca de sua casa na cidade, como ficava feliz em observar. Mas não estava sozinho como era de se esperar àquela hora da noite – ainda que não soubesse muito bem que horas eram. Em meio à neblina da embriaguez, ele teve uma vaga lembrança das comemorações no White's Club, junto com um grupo agradavelmente grande de companheiros, levando em conta o fato de que ainda estavam bem no começo de fevereiro, uma época nada elegante para marcar encontros em Londres.

O nível de ruído, recordava-se, havia se intensificado a ponto de

vários dos sócios mais antigos franzirem a testa em reprovação rigorosa – velhos ranhetas e fósseis, todos eles – e os garçons que habitualmente mantinham expressões indecifráveis começarem a demonstrar traços de tensão e de indecisão. Como seria possível expulsar um bando de cavalheiros bêbados, alguns de berço nobre, sem ofender a eles e a três ou quatro gerações passadas e futuras? Ao mesmo tempo, como *não* os expulsar, quando a inércia provocaria a ira de ranhetas de berço igualmente nobre?

Alguma solução cordial tinha sido encontrada, pois lá estava ele, na própria casa, com um pequeno e fiel bando de camaradas. Os outros deviam ter partido para outras folias ou apenas se recolhido.

– Sid. – Ele virou a cabeça, apoiada no encosto da poltrona. – Em sua respeitável opinião, teria eu bebido o equivalente ao oceano inteiro esta noite? É a sensação que tenho. Alguém me desafiou?

O ilustríssimo Sidney Welby contemplava o fogo – ou melhor, o que restara do fogo, já que não o tinham alimentado com carvão nem convocado um criado para cuidar disso. Ele franziu a testa enquanto se perdia em pensamentos antes de responder:

– Isso não seria possível, Percy. O oceano é reabastecido constantemente pelos rios e pelos córregos, e tudo o mais. Riachos e regatos. Ele volta a se encher tão depressa quanto se esvazia.

– E recebe também a água da chuva – acrescentou Cyril Eldridge, muito prestativo. – Você só está com a *sensação* de ter bebido todo o oceano. Mas se o oceano secou mesmo, já que inclusive não choveu recentemente, todos nós tivemos uma participação nisso. Minha cabeça vai parecer ter o triplo do tamanho normal amanhã de manhã, e, para complicar, eu tenho fortes suspeitas de ter concordado em acompanhar minhas irmãs até a biblioteca ou coisa parecida, e você sabe, Percy, minha mãe não vai permitir que saiam apenas com a criada. E elas insistem em sair ao raiar do dia, para não correrem o risco de que alguém chegue antes e leve embora todos os livros que merecem ser lidos. Que não são muitos, na minha opinião. E o que elas estão fazendo na cidade tão no início do ano? Beth não vai se apresentar à sociedade antes da Páscoa,

então para que *tantas* roupas? Mas o que sabe um irmão? No que diz respeito às minhas irmãs, absolutamente nada.

Cyril era um dos inúmeros primos de Percy. Havia doze deles no lado paterno da família, filhos das quatro irmãs de seu pai, e 23, na última contagem, no lado materno, embora ele se lembrasse vagamente de que a mãe mencionara que tia Doris, a caçula, se encontrava pela décima segunda vez em “estado interessante”. Sua prole respondia por grande parte daqueles 23, que em breve seriam 24. Todos os primos eram agradáveis. Todos o amavam e ele amava a todos, assim como os tios e as tias, claro. Não havia família mais unida, mais amorosa, do que a dele, em ambos os lados. Ele era o mais afortunado dos mortais, refletiu Percy, com profunda melancolia.

– A aposta, Percy – acrescentou Arnold Biggs, visconde Marwood –, era se você conseguiria deixar Jonesey em coma antes da meia-noite... o que não é uma façanha qualquer. Ele escorregou para debaixo da mesa quando faltavam dez minutos. Foram os roncos dele que nos convenceram de que era hora de ir embora do clube. Eram completamente perturbadores.

– Então foi isso. – Percy deu um imenso bocejo. Um dos mistérios estava resolvido. Ele ergueu a taça, lembrou que estava vazia e baixou-a com estrépito na mesa ao seu lado. – Que o diabo o carregue, mas a vida se tornou uma chatice sem tamanho.

– Vai se sentir melhor amanhã, depois de ter passado o choque dos 30 anos hoje – disse Arnold. – Ou me refiro a hoje e a ontem? Isso mesmo. O ponteiro pequeno do relógio sobre a prateleira aponta para o número 3, e eu acredito nele. O sol ainda não nasceu. Devemos estar no meio da madrugada. Embora nessa época do ano seja *sempre* madrugada.

– Por que está tão entediado, Percy? – perguntou Cyril, parecendo ofendido. – Você tem tudo o que um homem poderia desejar. *Tudo*.

Percy voltou os pensamentos para uma contemplação das muitas bênçãos em sua vida. Cyril tinha razão. Não havia como negar. Além dos tios e primos amorosos, ele fora criado por pais que o adoravam como filho único – o único herdeiro –, embora aparentemente tivessem feito um enorme esforço para encher a ala infantil de irmãos e irmãs. Tinha

sido mimado com tudo o que podia querer ou necessitar, e os pais contavam com os meios para proporcionar tudo isso com estilo.

O bisavô paterno, como caçula de um conde, um simples substituto e não o herdeiro titular, dedicara-se a um comércio elegante. Acumulara o que podia ser considerado uma fortuna. O filho dele, o avô de Percy, transformou-a em uma *vasta* fortuna e a aumentou ainda mais ao se casar com uma mulher rica e muito regrada, que contava cada centavo gasto. O pai de Percy herdara tudo, a não ser os generosíssimos dotes conferidos às quatro irmãs, depois duplicara e então triplicara a riqueza por meio de investimentos inteligentes e se casara, por sua vez, com uma mulher que veio acompanhada de um polpudo dote.

Depois da morte do pai, três anos antes, Percy se tornara tão rico que levaria metade do tempo que lhe restava de vida só para contar as moedas que a avó tão cuidadosamente poupara. Ou mesmo as libras. *E* havia a Casa Castleford, a grande e próspera propriedade em Derbyshire que o avô comprara supostamente com um maço de cédulas, para se vangloriar de sua posição para o resto do mundo.

Percy também tinha boa aparência. Não havia motivo para ser modesto a esse respeito. E mesmo se o espelho mentisse ou se ele se enganasse sobre a percepção do que via refletido, existia o fato de que cabeças se viravam – às vezes com admiração, às vezes com inveja – quando ele passava. Segundo inúmeras pessoas tinham lhe dito, Percy, alto e moreno, era a personificação do homem atraente. Desfrutava de boa saúde, como sempre – ele ergueu a mão direita e bateu na mesa ao lado com os nós dos dedos, fazendo com que a taça vazia de Sid quicasse –, e tinha todos os dentes na boca, todos decentemente brancos e em boas condições.

E além de tudo era inteligente. Depois de ser educado em casa por três tutores, pois os pais não suportavam a ideia de mandá-lo para a escola, ele havia ido para Oxford estudar os clássicos e concluía tudo três anos depois, obtendo graduação dupla, em latim e grego antigo. Tinha amigos e bons relacionamentos. Homens de todas as idades pareciam gostar dele, e as mulheres... Bem, as mulheres também o apreciavam, o que era uma sorte, porque ele também gostava delas. Gostava de encantá-

las, de elogiá-las, de virar as páginas das partituras para elas, de dançar com elas e de levá-las para caminhar ou andar de carruagem. Gostava de flertar. Se fossem viúvas e disponíveis, gostava de dormir com elas. E tinha se tornado especialista na arte de evitar todas as armadilhas matrimoniais que preparavam para ele a cada momento.

Percy tivera uma série de amantes – embora no momento não houvesse nenhuma –, todas donas de beleza rara e maravilhosamente habilidosas, atrizes com gostos caros ou cortesãs muito desejadas por seus pares.

Ele era forte, atlético, em boa forma. Gostava de montar, lutar boxe, praticar esgrima e tiro, e se sobressaía em tudo, o que passara a deixá-lo um tanto inquieto nos últimos tempos. Ao longo dos anos, aceitara participar de mais apostas e desafios do que deveria, e, quanto mais imprudentes e perigosos, melhor. Tinha feito corridas até Brighton em seu cabriolé em três ocasiões diferentes – uma delas ida e volta –, tomara as rédeas de uma pesada diligência que atravessava a Grande Estrada do Norte depois de subornar o cocheiro... e disparara com os cavalos. Atravessara metade de Mayfair seguindo apenas pelos telhados e, de vez em quando, pelos vãos entre eles, após ser desafiado a realizar a proeza sem encostar no chão e sem utilizar qualquer instrumento que tocasse o chão. Havia atravessado – por baixo – quase todas as pontes do rio Tâmisa nas imediações de Londres. Tinha passeado por alguns dos pardieiros mais reconhecidamente perigosos da cidade em traje completo de noite, sem nenhuma arma mais mortal do que uma bengala – e uma bengala *sem* lâmina oculta, diga-se de passagem. Envolvera-se numa empolgante troca de socos com três agressores na última vez, depois que eles partiram sua bengala em dois pedaços, e saíra da briga com um olho roxo e com as roupas em frangalhos, para a tristeza malcontida de seu criado pessoal.

Lidara com irmãos, cunhados e pais irados – e sem motivo que justificasse tamanha ira, porque sempre tomava cuidado para não desonrar damas virtuosas nem cultivar expectativas que não tinha a intenção de cumprir. Ocasionalmente, os confrontos também acabavam em trocas de socos, em geral com os irmãos, que na sua experiência,

tendiam a ser mais irascíveis do que os pais. Participara de um duelo com um marido que não gostara do jeito como Percy sorrira para sua esposa. Percy não havia falado nem dançado com a mulher. Sorrira porque ela era bonita e estava sorrindo para ele. O que deveria ter feito? *Uma cara feia?* Na manhã marcada, o marido atirou primeiro, errando a lateral da cabeça de Percy por quase meio quilômetro. Percy atirou em seguida, errando a orelha esquerda do homem por 60 centímetros – planejara errar por 30 centímetros, mas no último momento preferiu ser cauteloso.

E, como se tudo isso não bastasse para apenas um homem, ele dispunha de títulos. *Títulos*. No plural. O antigo conde de Hardford, também visconde Barclay, fora uma espécie de parente pelo lado daquele seu tataravô. Depois de uma briga de família, houve um afastamento entre os filhos do conde. O primogênito, que manteve o título e se escondia num recanto esquecido do mundo perto da Cornualha, tinha sido ignorado desde então pelo caçula. O conde mais recente, que descendia do primogênito, teve um filho e herdeiro, mas por algum motivo incompreensível, pois não havia outro filho de reserva, o rapaz seguiu para Portugal como oficial do Exército para lutar contra o velho Bonaparte e acabou morto.

Todo o drama dessa catástrofe familiar passou despercebido pelo caçula, que permanecia na feliz ignorância de todos os fatos. Tudo, porém, veio à tona quando o velho conde bateu as botas, quase exatamente um ano depois da morte do pai de Percy. Por acaso, Percy era o único herdeiro dos títulos e da montanha de ruínas na Cornualha. Ou ele presumia que fossem ruínas, já que a propriedade parecia não gerar receita. Percy assumiu o título; não tinha escolha, na verdade. Chegou até a achar interessante, pelo menos a princípio, aquela história de ser chamado de Hardford ou, melhor ainda, de *senhor conde*, em vez de apenas Sr. Percival Hayes. Aceitou o título e ignorou o resto. Quer dizer, a maior parte do resto.

Entrou para a Câmara dos Lordes com toda a pompa e circunstância e fez seu discurso inaugural em uma tarde memorável, depois de passar muito tempo escrevendo e reescrevendo, ensaiando sem parar e mudando de ideia duas, três, 43 vezes, e tendo sonhos vívidos que eram

quase pesadelos. Voltou a se sentar ao fim do discurso, ao som de aplausos educados, com o alívio de saber que nunca mais precisaria dizer uma palavra sequer ali, a não ser que desejasse. Na verdade, posteriormente, ele escolheria falar numa série de ocasiões, sem perder um minuto de sono.

Trocava saudações com o rei e com todos os duques reais e passou a ser mais solicitado do que nunca para a vida social. Frequentara os melhores alfaiates, sapateiros, camiseiros, barbeiros e afins, mas, depois de se tornar um *senhor conde*, começou a receber reverências e tapinhas nas costas numa frequência totalmente inédita. Sempre tinha sido popular com todos, pois era uma daquelas raridades entre os cavalheiros da aristocracia: um homem que pagava as contas com regularidade. E continuara fazendo isso, para o estarrecimento evidente de todos. Passava a primavera em Londres, para a sessão no Parlamento e a temporada social. No verão, permanecia em sua propriedade ou em um dos balneários. E o outono e o inverno eram desfrutados em casa ou nos variados eventos para os quais era convidado, na prática de tiro, na pesca, na caça, de acordo com o tema da estação, e socializando. O único motivo para estar em Londres no começo de fevereiro era ter imaginado o tipo de festa que a mãe seria capaz de organizar em Castleford para seu trigésimo aniversário. Como alguém podia negar algo à amada mãe? Não podia, é claro. Era melhor voltar para a cidade, como um menino travesso que se esconde para evitar as consequências de alguma brincadeira.

Sim, em suma, ele era o mais afortunado dos homens no planeta. Não havia nem nunca houvera uma única nuvem cinza no seu céu. Era tudo uma vastidão azul de pura felicidade. Ele não era o tipo de herói melancólico, atraente de um modo sombrio. Nunca fizera nada que o deixasse triste nem nada verdadeiramente heroico, o que era um pouco lamentável, na verdade. A parte heroica, claro.

Todo homem deveria ser um herói pelo menos uma vez na vida.

– Sim, tudo – concordou ele com um suspiro, respondendo ao comentário feito pelo primo momentos antes. – Tenho tudo, Cyril. E,

diabos, esse é o problema. Um homem que tem tudo não tem nada por que viver.

Um de seus valorosos tutores teria batido na mão dele com aquela bengala sempre presente por ter construído uma frase tão tortuosa.

– Filos... filosofia às três da manhã? – perguntou Sidney, levantando-se para ir até o aparador. – Melhor eu ir para casa antes que você dê um nó nos meus miolos, Percy. Comemoramos seu aniversário em grande estilo no White's. Devíamos ter voltado para casa depois, para dormir. Como viemos parar aqui?

– Numa carruagem de aluguel – lembrou Arnold. – Ou quer saber *por quê*, Sid? Porque estávamos prestes a ser expulsos, e Jonesey estava roncando, e aí você sugeriu que viéssemos para cá. Percy não protestou e achamos que era a melhor ideia que você teve em um ano ou mais...

– Estou lembrando agora – disse Sidney, enquanto enchia o copo.

– Como pode se sentir entediado, Percy, quando admite que tem tudo? – indagou Cyril, soando bastante indignado. – Isso me parece uma tremenda ingratidão.

– E é ingratidão – concordou Percy. – De qualquer maneira, estou profundamente entediado. Talvez eu tenha que apelar para uma corrida até Hardford Hall. Simplesmente os confins da Cornualha. Pelo menos seria algo inédito para mim.

Como surgira *aquela* ideia na sua cabeça?

– *Em fevereiro?* – Arnold fez uma careta. – Não tome nenhuma decisão imprudente até abril, Percy. Vai haver bem mais gente na cidade nessa época, e a vontade de sair correndo para outro lugar desaparecerá sem deixar vestígios.

– Ainda faltam dois meses para abril – retrucou Percy.

– *Hardford Hall!* – exclamou Cyril, com certo nojo. – Aquele lugar no meio do nada? O que você faria por lá, Percy? Só tem ovelhas e charnecas, garanto. E vento, e chuva, e o mar. Demoraria uma semana só para chegar.

Percy ergueu as sobrancelhas.

– Só se eu estivesse montado em um cavalo manco – falou. – Não tenho cavalos mancos, Cyril. Vou mandar tirar as teias de aranha das

vigas da casa assim que chegar lá e convidar todos vocês para uma grande festa, que tal?

– Não está falando *xéριο*, não é, Percy? – perguntou Sidney, sem se dar ao trabalho de se corrigir.

*Estaria?* Percy dedicou alguma reflexão ao assunto. A sessão da Câmara e a temporada social estariam a todo vapor assim que passasse a Páscoa, e, com exceção de alguns rostos novos e algumas mudanças inevitáveis na moda para garantir que todo mundo continuasse a correr para os alfaiates e para as modistas, não haveria absolutamente nada de novo para animá-lo. Estava ficando meio velho para todos aqueles desafios e excentricidades que o divertiram durante seus 20 anos. Se fosse para casa, em Derbyshire, em vez de ficar ali, a mãe com toda a certeza organizaria uma festa de aniversário *atrasada* em sua homenagem, que Deus o ajudasse. Se fosse para lá, ele poderia tentar se envolver na administração da propriedade, mas logo se descobriria, como sempre, sendo encarado com uma dolorida condescendência por seu administrador muito competente. O homem o intimidava. Parecia um pouco uma extensão dos três respeitáveis tutores da infância de Percy.

Por que *não* ir à Cornualha? Talvez a melhor resposta para o tédio não fosse correr dele, mas correr *para* ele, fazer tudo que pudesse para piorá-lo. Até que era uma boa ideia. Mas talvez não devesse pensar tanto quando estivesse bêbado. Com certeza não era sábio fazer planos enquanto a mente racional se encontrava em condições tão prejudicadas. Nem conversar sobre tais planos com homens que esperavam que ele os colocasse em prática, porque era o que ele sempre fazia. Poderia muito bem mudar de ideia quando a manhã e a sobriedade chegassem. Não. Melhor na tarde *seguinte*.

– Por que eu não estaria falando sério? – perguntou ele, sem se dirigir a ninguém em particular. – Sou o dono do lugar há dois anos, mas nunca o vi. Preciso aparecer lá mais cedo ou mais tarde... ou, no caso, talvez mais tarde do que mais cedo. Ser o senhor da casa e tudo mais. Passar algum tempo lá, pelo menos até que as coisas se tornem animadas em Londres. Quem sabe depois de uma ou duas semanas eu fique feliz de voltar para cá, jogando as mãos para o céu a cada quilômetro,

agradecendo pela sorte que tenho. Ou... talvez eu me apaixone pelo lugar e lá permaneça para todo o sempre, amém. Talvez eu fique satisfeito em ser o Hardford, de Hardford Hall. Mas não soa muito bem, não é? A gente imagina que o conde original pensaria num nome melhor para a ruína. Hall das Ruínas, talvez? Hardford do Hall das Ruínas?

*Minha nossa, como ele estava bêbado.*

Três pares de olhos o contemplavam com diferentes graus de incredulidade. Os donos daqueles olhos também pareciam ligeiramente desganhados e demonstravam sinais de cansaço.

– Por favor, me perdoem – disse Percy, levantando-se abruptamente e descobrindo que pelo menos não estava bêbado a ponto de cair. – É melhor eu escrever para alguém em Hardford e avisar que devem começar a tirar as teias de aranha. À governanta, se é que há uma. Ao mordomo, se é que há um. Ao administrador, se... Sim, por Júpiter, definitivamente *há* um desses. Todo mês ele me manda um relatório de cinco linhas, manuscrito em letras microscópicas. Escreverei para ele. Vou avisá-lo de que precisa adquirir uma grande vassoura e encontrar alguém que saiba usá-la.

Percy bocejou até as mandíbulas estalarem e permaneceu de pé até ver os amigos passarem pela porta e descerem os degraus para a praça. Ficou olhando até ter certeza de que todos se mantinham eretos e que tinham tomado a direção certa para casa.

Sentou-se para escrever a carta antes que sua determinação esfriasse. Depois redigiu mais uma, para a mãe, explicando aonde ia. Ela ficaria preocupada se ele simplesmente desaparecesse. Deixou as duas correspondências na bandeja do saguão, para que fossem despachadas pela manhã, e se arrastou até a cama no segundo andar. O valete o esperava no quarto de vestir, apesar de ter sido dispensado. O homem gostava de ser um mártir.

– Estou bêbado, Watkins – anunciou Percy –, e tenho 30 anos. Tenho tudo na vida, como meu primo acabou de me lembrar, e estou tão entediado que me levantar pela manhã me parece um esforço inútil, pois tenho que voltar na noite seguinte. Amanhã... ou melhor, hoje... pode fazer as malas para uma viagem ao interior. Vamos partir para a

Cornualha. Para Hardford Hall. A sede do conde. E eu sou o referido conde.

– Sim, milorde – disse Watkins, sem demonstrar alteração na dignidade impávida da sua expressão.

Provavelmente ele teria dito o mesmo e ostentado a mesma *calma* se Percy tivesse anunciado que partiriam para a América do Sul para fazer uma excursão ao rio Amazonas.

Não importava. Estava de partida para a Cornualha. Devia estar ficando maluco. No mínimo. Talvez a sobriedade lhe devolvesse o bom senso.

No dia seguinte.

Ou estava se referindo àquele mesmo dia, mais tarde? Estava, sim. Tinha acabado de dizer aquilo para Watkins.

## CAPÍTULO 2



Imogen Hayes, lady Barclay, estava a caminho de sua casa em Hardford Hall, depois de ter deixado a aldeia de Porthdare, a cerca de 3 quilômetros de distância. Normalmente, ela fazia o trajeto a cavalo ou conduzindo uma charrete, mas naquele dia decidira que precisava de exercício. Tinha caminhado até a aldeia pela beira da estrada, mas na volta escolhera pegar a trilha que margeava os penhascos. Isso alongava o percurso em quase 1 quilômetro, e a subida do vale do rio onde a aldeia se situava era consideravelmente mais íngreme do que a estrada. Mas ela gostava mesmo de exercitar as pernas e de avistar o mar à sua direita até a aldeia lá embaixo, onde os chalés de pescadores se apinhavam em torno do estuário e os barcos balançavam na água.

Apreciava o grito tristonho das gaivotas que ziguezagueavam pelos céus e mergulhavam acima e abaixo dela. Adorava o desalinho dos arbustos espinhosos que cresciam em profusão à sua volta. O vento era frio e penetrava em suas roupas, mas ela adorava o ruído selvagem, o cheiro de maresia e a intensa sensação de solidão que carregava. Segurou com as mãos enluvadas as beiradas de seu manto grosso. O nariz e as bochechas deviam estar vermelhos e brilhantes.

Acabara de visitar sua amiga Tilly Wenzel, a quem não via desde antes do Natal, que passara na casa do irmão, o lar de sua infância, 30 quilômetros a nordeste. Permanecera por lá durante o mês de janeiro também. Havia uma nova sobrinha para admirar, bem como três sobrinhos para mimar. Tinha aproveitado bem aquelas semanas, mas não

estava acostumada ao barulho, à confusão e à incessante obrigação de socializar. Não tinha se transformado numa eremita, mas acostumara-se a viver sozinha.

O Sr. Wenzel, irmão de Tilly, se oferecera para levá-la em casa, ressaltando que a viagem de volta era uma bela subida, e bem íngreme em certos trechos. Imogen recusara a cortesia, usando como pretexto uma visita à Sra. Park, uma senhora idosa que estava confinada em casa desde que sofrera uma queda, machucando muito o quadril. A visita, claro, implicara ouvir durante quarenta minutos cada detalhe horrendo do acidente. Mas Imogen compreendia que os idosos às vezes se sentiam solitários, e quarenta minutos de seu tempo não era um sacrifício tão grande. Além disso, se permitisse que o Sr. Wenzel a levasse em casa, ele novamente lhe contaria sobre os tempos de menino com Dicky, falecido marido de Imogen. Depois, daria início, cautelosamente, aos galanteios atrapalhados de sempre.

Imogen parou para recuperar o fôlego quando estava no vale e a trilha dos penhascos se tornou mais plana, acompanhando o platô. Ainda subia gradualmente na direção da muralha de pedra que cercava, em três lados, o parque em torno de Hardford Hall; os penhascos e o mar formavam o quarto lado. Ela se virou para olhar para baixo enquanto o vento fustigava a aba de seu chapéu e quase a deixava sem ar. Os dedos formigavam dentro das luvas. O céu cinzento estendia-se no alto, e o mar da mesma cor, com pontinhos de espuma, alongava-se abaixo. Penhascos rochosos despencavam quase ao lado da trilha. A cor cinza estava em toda parte. Até seu manto era cinzento.

Por um momento, seu humor ameaçou acompanhar a paleta de cor. Então ela balançou a cabeça e seguiu em frente. *Não* se renderia à depressão. Era uma batalha que já havia travado com frequência e que não perdera até o momento.

Além do mais, havia a visita anual a Penderris Hall, a 55 quilômetros dali. Era algo para se esperar com ansiedade e aconteceria no mês seguinte, ou seja, muito em breve. A propriedade pertencia a George Crabbe, duque de Stanbrook, primo em segundo grau de sua mãe e um de seus amigos mais queridos – um de seus seis amigos. Os sete